

Figueiredo

pediu ajuda

a Garnero

BRASÍLIA Em julho de 1982, o empresário Mário Garnero, então à frente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), recebeu um telefonema do Palácio do Planalto. O então general-presidente João Figueiredo o chamava para uma reunião secreta em Bauru (SP), durante uma solenidade.

— Do que o senhor precisa, presidente? — perguntou então Garnero, ao chegar.

— Preciso que você me ajude a mostrar aos EUA que temos uma ideia para sair da crise — respondeu Figueiredo.

O presidente disse a Garnero que a situação econômica do Brasil era extremamente difícil e, como se não bastasse, seus ministros da área econômica não conseguiam ser recebidos pelo primeiro escalão do governo americano. O motivo alegado era a falta de um projeto concreto a ser apresentado ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para Figueiredo, Garnero era útil por suas estreitas relações com o então secretário de Estado americano, George Schultz, que havia sido conselheiro da Brasilinvest — agência privada de desenvolvimento do empresário. Garnero encontrou-se com Schultz em setembro, com quem conversou por duas horas. Disse ao secretário de Estado que estava na hora de ele visitar o Brasil.

— Ele disse que não tinha convite oficial. Providenciei-o no dia seguinte, com o aval do Planalto — conta Garnero.

EUA DAVAM INFORMAÇÕES

Poucos dias depois, Garnero foi surpreendido com um telefonema do amigo: “O pato que vai ao Brasil é muito mais gordo do que você pensa”, disse Schultz. O pato era o presidente Ronald Reagan, que em dezembro traria a Brasília mais de US\$ 1 bilhão, avisado pelos bancos da necessidade de ajudar o país.

Ernane Galvêas, então ministro da Fazenda, lembra que o governo tinha pouco a oferecer aos credores, e eles temiam ser jogados num buraco. •